

É hora do aju

História pede uma definição

Cristina Ávila

O historiador Víctor Leonardi, um dos professores perseguidos pela ditadura militar e agora reintegrado à Universidade de Brasília, passou cinco anos trabalhando no livro *Entre o caos e o cosmos*, que espera editar ainda este ano. Embora sua leitura possa às vezes dar a impressão de se tratar de uma história dos genocídios de negros e índios, como ele mesmo diz, na verdade considera seus objetivos mais modestos. Ele tenta reafirmar a presença de nossas origens, as memórias de um desafio permanente dentro de nosso próprio país. Em sua opinião, enquanto o Brasil não ajustar as contas com o passado, não tem futuro.

Víctor Leonardi vê o Brasil como um dos últimos países colonialistas do mundo, um colonialista *suigeneris*, porque é ao mesmo tempo, colonizador. Ele analisa isto observando a atitude dos brasileiros em relação aos povos indígenas, quase sempre violenta.

O historiador conta que a gestação de seu livro foi muito longa. Começou há vinte anos, quando, na França, trabalhava no Centro de Estudos da África e da Ásia. Após retornar ao Brasil, em 74, foi professor da UnB. Aí as perseguições do regime militar se acirraram: os arquivos do SNI o incriminavam, teve correspondências violadas, gavetas arrombadas e constantes ameaças. Era a época auge da tortura e o jornalista Wladimir Herzog morria assassinado pouco depois. Leonardi já havia morado (após 64) em diversos países das Américas do Sul e Central e conhecia o centro-oeste amazônico.

Em sua segunda estada na Europa, depois de 77, residiu em Málaga, Espanha. Na Península Ibérica pesquisou os arquivos jesuítas de Évora, Portugal, onde encontrou "a verdadeira história do genocídio de índios no Brasil". Vizinhou com a África e recordava o Brasil.

ESCRavidão

Víctor Leonardi lembra que a maior parte da riqueza produzida durante os primeiros séculos da História do Brasil foi fruto do trabalho de um contingente enorme de escravos. Calcula-se em 3 milhões e 500 mil o número de negros escravizados até o século XIX, e 1 milhão de índios.

"Neste centenário da abolição (sem libertação) é preciso se pensar tanto nos africanos trazidos à força, para o Brasil, como nos Tupi, Jê, Aruak e Karib, escravizados em sua própria terra. E não só nos séculos XVI e XVII, como afirma a historiografia tradicional. No século XIX, por exemplo, grande parte do algodão utilizado como matéria-prima na Inglaterra, já no segundo século da Revolução Industrial, era produzida por in-

dios escravizados (Timbira, em geral), em Caxias, Maranhão", relata.

Em seu livro, Leonardi comenta que os pesquisadores do período colonial que tratam da escravização indígena (Taunay, Roberto Simonsen) estimam em 300 mil os índios submetidos ao regime escravo, somente na primeira metade do século XVII, em São Paulo. "E isto no que se refere apenas ao período conhecido como bandeirismo e apresamento, na verdade um período de truculências generalizadas, dos mais tristemente célebres da História do Brasil", acentua.

Víctor Leonardi recorda que, desse total, 100 mil indígenas teriam sido exportados pelos paulistas às demais capitanias brasileiras, em condições tão desumanas como as enfrentadas pelos negros na travessia do Atlântico. "Se levamos em conta as outras áreas do País, inclusive as formas de escravização incompletas que continuaram freqüentes no século XIX, principalmente na Amazônia, em aldeamentos dirigidos por padres de diferentes ordens religiosas, acreditamos ser bastante aproximada a cifra de 1 milhão de índios escravos durante o longo e violentíssimo processo de acumulação primitiva de capital".

Ele narra, ainda, que, sendo o número de baixas muito elevado entre os recém-capturados, no decorrer do percurso a pé entre o local de apresamento e a cidade de São Paulo (calcula-se em 50%, no mínimo, principalmente mulheres, e crianças), pode-se dizer que, na primeira metade do século XVII, além dos 300 mil índios escravizados, outros 300 mil morreram. "Sem falarmos dos óbitos por epidemias trazidas pelos europeus, e, evidentemente, dos milhares que sucumbiram na defesa de suas terras invadidas pelos colonialistas. Ou nos enfrentamentos com os luso-brasileiros, como ocorreu na Amazônia, com a resistência dos Munduruku, entre os rios Madeira e Tapajós".

O mesmo processo de produção de algumas mercadorias, como o açúcar, responsável pelo extermínio de várias aldeias Tupi e Jê no Nordeste, provocou um enorme vazio demográfico em Angola, que levou mais de um século para se recuperar.

PLURINACIONALIDADE

"É preciso perder o hábito de responsabilizar exclusivamente o colonialismo português por essa violência. Nos primeiros tempos da colonização, foi sob a égide da Coroa que se deu. Mas, na época da expansão territorial, era feita por brasileiros, paulistas principalmente. Por exemplo, durante o auge da borracha na Amazônia, por volta de 1890, povos dos rios Purus e Juruá desapareceram sem deixar vestígios. Os ex-colonos portugueses e seus descendentes brasileiros continuaram, após a Independência, a expropriar terras nos moldes colonialistas", comenta o historiador.

Víctor Leonardi reporta-se, ainda, à resistência do Brasil em assumir sua plurinacionalidade, com os mesmos argumentos colonialistas que na África criavam empecilhos para a formação de Estados hoje compostos pelos diversos povos e etnias.



O mesmo processo de produção que exterminou várias aldeias no Brasil provocou enorme vazio demográfico em Angola, que levou mais de um século para se recuperar. Não foi só a Coroa portuguesa que exterminou e oprimiu: também os ex-colonos e descendentes o fizeram; após a Independência, continuaram a expropriar. Sem ajustar as contas, não haverá futuro



Egon Heck



Cristina Ávila